

## **CAiEs, Centros de Avaliação in Escola: para uma mudança de paradigma.**

Rui Penha Pereira, Professor na Secção Politécnica da Universidade do Algarve

(Comunicação apresentada à 2ª Conferência IAVE – Instituto de Avaliação Educativa, Lisboa, 16 de maio de 2019).

*“Se as desigualdades da vida funcional não são subordinadas à mais profunda igualdade do companheirismo humano, tornam-se absolutas e a comunidade perece”*

*John McMurray<sup>1</sup> (2004:151)*

Baseados numa visão da educação centrada no bem-estar da pessoa como uma tranquilidade reflexiva e tomando a pessoa educada como a pessoa ética e autónoma, tem-se como objetivo a redução do stress ligado aos procedimentos da avaliação, aumentando o conforto da aquisição do conhecimento significativo. Descrevem-se brevemente a proposta dos CAiEs; aborda-se o desconforto central de escola e trabalho como sendo uma superioridade-inferioridade psicológica que se assume como absoluta; apontam-se três tensões razoáveis que potenciam tal desconforto como sendo: a natural tensão entre o egoísmo e o altruísmo, a necessidade premente de certificação nas sociedades eficientes modernas, e a legítima aspiração das famílias à melhoria ou manutenção da condição social dos alunos; finalmente, apontam-se algumas das ideias fundacionais que devem nortear e iluminar toda a ação prática e sem as quais esta arrisca ser desinteligente e, logo, improfícua e mesmo inutilmente danosa.

### **Os CAiEs**

O projeto de investigação CAiEs – Centros de Avaliação in Escola ([caies.ualg.pt](http://caies.ualg.pt)), procura mitigar alguns dos problemas relacionados com a comparação interpessoal intensa e o poderoso medo aí implicado. O objetivo prático dos CAiEs é uma plataforma informática que permita facilmente uma mais rigorosa e credível avaliação aos alunos fora da sala de aula, com possibilidade de realização de mais do que um exame por cada módulo de ensino. O sistema de informação CAiEs deverá compreender uma base de dados de questões de exame, relacionadas com as Aprendizagens Essenciais (AEs), categorizadas, permitindo a geração automática de testes para avaliação formativa e sumativa. Crê-se que tal ferramenta informática tem o potencial de, paulatinamente, transformar o paradigma organizacional das escolas e a qualidade de relacionamento entre todos os envolvidos – alunos, professores, pais, dirigentes políticos e os institutos que a nível nacional controlam a avaliação externa dos alunos. Progressivamente, o instituto responsável pela avaliação externa, deverá iniciar o processo de controlo de todo o processo, por forma a ganhar-se ainda mais credibilidade e rigor face aos atuais procedimentos, caminhando-se para a digitalização do século XXI.

---

<sup>1</sup> Macmurray, John. 2004. *Selected Philosophical Writings*. edited by E. McIntosh. Exeter: Imprint Academic.

A tendência será a de criar um sistema mais flexível, mais rigoroso, mais controlável e que proporcione mais informação, mas, sobretudo, mais amigável e eficiente para a aquisição do conhecimento significativo. Tendencialmente, em processos graduais e ao ritmo de cada escola-turma aderente, o professor que ensina deixará progressivamente de fazer os testes para a avaliação formativa e, mais tarde, sumativa, ficando esta tarefa a cargo do professor que orientará o processo no CAiEs. Pretende-se restabelecer mais o professor que ensina, na sua tradição ancestral de mestre e amigo.

Este centro, uma sala com computadores onde se podem gerar os exames, estará regulamentado por forma a receber os alunos que pretendem uma avaliação sobre determinado módulo de uma unidade curricular. Em geral, entre outros objetivos, pretende-se: por fim aos testes de oportunidade única, ou quase única; por fim à “turma tribo”, permitindo aos alunos progressões diferenciadas de acordo com a diversidade das suas capacidades – cada aluno poderá frequentar diversas turmas de anos curriculares diferentes; correlacionar os módulos das AEs com um sistema do tipo de unidades de crédito, tornando difusa a figura da “passagem de ano”; proporcionar tempo generosa para o aluno realizar os testes, diminuindo o stress.

Desejavelmente, para potenciar a aquisição de conhecimento significativo, tal como parece ocorrer no sistema escolar da Noruega, o aluno deverá ter uma “conversa pedagógica” com o professor do CAiEs, para confirmar verbalmente a robustez do domínio dos conhecimentos – aqui um dos aspetos a poder conferir muito maior rigor e alcance pedagógico, face ao atual sistema de testagem em exames nacionais.

### **O Desconforto Central**

Mas, os CAiEs são percecionados como apenas uma ferramenta tecnológica que em si mesma pode não resolver os problemas de relacionamento entre pessoas, pelo que o seu funcionamento tem que ser orientado pelo entendimento de grandes questões de base. Assim, aborda-se aqui o que se entende ser o desconforto central nas escolas e no trabalho, tendo origem numa comparação intensa interpessoal que facilmente passou de uma superioridade relativa operacional ou funcional, para uma superioridade absoluta, de uma pessoa sobre a outra. Um dos intervenientes é, pois, sentido como melhor ser humano do que o outro, como um todo: uma pessoa mais valiosa em si mesma. Tal relacionamento é visto como perverso porque desumaniza a relação amorosa típica que verdadeiramente nos torna humanos, e instala no palco da vida o jogo da superioridade-inferioridade psicológica. Tudo isto é uma infeliz banalidade quer na escola, quer no trabalho.

Isto é, o que desestabiliza psicologicamente os intervenientes na relação não é o outro saber mais sobre um assunto, revelando maiores capacidades intelectuais, por exemplo. Tal seria de resto estranho, porque a não existirem tais diferenças de capacidades nós seríamos talvez uma sociedade de clones que, boa ou má, não teria nada a ver com o que realmente somos. O que causa desconforto são a miríade de sentimentos socialmente construídos que projetam um dos intervenientes não já como superior numa certa funcionalidade – intelectual, física, de indústria, ou artística – mas como um ser humano mais valioso em absoluto. Estes procedimentos podem ser devastadores e violentarem-nos profundamente a todos. Alguém tocar melhor piano ou saber muito de geografia, não nos incomoda nada se, socialmente, não formos vistos como uns falhados incompetentes, por não determos tais capacidades funcionais a tais níveis.

Assim, cuidados extremos são necessários ao criarem-se os diversos “Quadros de Honra”, porque, não se negando a subtilidade da necessidade de certos rituais de reconhecimento, corremos sempre o risco de estarmos a criar “quadros de não-honra” e mesmo “quadros de

desonra”. Ora, como bem se pode compreender, alunos e pessoas, atirados para a violência do “não ser” absoluto, são barbaramente vandalizados e, quando ainda detentores de alguma capacidade de reação – porque uma larga maioria pode ficar anestesiada numa dor que de banal já não é sequer reconhecida - tendem a vandalizar de volta e mesmo até a poder começar a bordejar a delinquência. Este, de resto, parece ser o centro do paradigma da escola de há cerca de 200 anos, por onde todos nós passamos e que, resiste a todas as mudanças por razões que têm que ser ponderosas e de grande subtileza que as tornam largamente inescrutáveis. Este parece ser o centro de um grande problema da natureza humana que, como sensivelmente apontado na filosofia de John McMurray (2004:151) expressa na citação de abertura, nos tolhe no âmago na nossa condição amorosa que é ainda a da amizade, fazendo perecer a comunidade. Em suma, desumaniza-nos.

Tudo isto implica uma mirada às grandes tensões que nos podem levar a tal estado desamoroso e largamente inconsciente, que leva a que grandes instituições sociais, como as escolas, possam ser vistas como, inconscientemente, torpedeando-se a si próprias.

### **Tensões**

Identificam-se aqui três grandes tensões que se apresentam como largamente razoáveis. Mas, sendo em si mesmas justificadas, elas são também muito poderosas e geram pulsões fortes que podem facilmente degenerar em mecanismos perversos que a todos prejudicam. Como já referido são elas: a natural tensão entre o egoísmo e o altruísmo, a necessidade premente de certificação nas sociedades eficientes modernas, e a legítima aspiração das famílias à melhoria ou manutenção da condição social dos alunos.

A natureza humana, em muitos apontada como de essência amorosa, comporta ainda o egoísmo. Tal egoísmo pode ser visto como razoável até um certo nível: como poderíamos nós ajudar os outros sem, de alguma forma, nos termos ajudado primeiro a nós próprios? No entanto, como sabido, tal egoísmo facilmente dispara para a avidez desmedida pelos bens da vida, materiais e posicionais (os prestígios). É aqui que a irracionalidade se banaliza e se torna impercetível. Não conhecemos todos nós grandes cidades em que os maiores detentores de tais bens materiais têm tal insegurança que se deslocam em carros blindados, ou helicópteros e vivem no medo de lhes raptarem os familiares para lhes extorquirem resgates? Há, portanto, um colapso civilizacional – um colapso do encontro dos cidadãos na cidade da cooperação – regredindo-se à selva, onde selvaticamente os selvagens agridem todos para além da tribo.

Por outro lado, a certificação de competências é uma necessidade da racionalidade e da eficiência enquanto mais qualidade com menos custo e em menos tempo, que lhe está associada. A operação base inerente implica uma avaliação ou controlo, que é frequente e absolutamente indispensável ao nosso funcionamento correto, implicando sempre uma comparação entre um nível desejado (um “standart”) e o nível percecionado de efetiva ocorrência. É assim para controlar a temperatura numa sala ou para passar um diploma.

Seria impensável habitar em casas ou atravessarmos pontes, que não tivessem sido concebidas e executadas por pessoas devidamente certificadas quanto às competências para o fazerem. Muitos poderiam morrer ou ferir-se gravemente. É a certificação que confere credibilidade. Daí a extraordinária sensibilidade das famílias para tudo isto, levando-nos à terceira tensão.

Legitimamente, as famílias ambicionam o melhor para os seus filhos. Percecionam que a mobilidade social, a sua melhoria de condição, só é possível com credíveis certificações,

sentindo-se em risco com tudo o que ameaça tal processo de credibilidade. Daí que se entenda que sejam muito avessas a alterações e mudanças, mesmo que pequenas. Assim, fundamentalmente o sistema de avaliações e certificações tem sido sempre o mesmo.

O que é preciso é, pois, esclarecer os colapsos civilizacionais, quão perigosos são para todos nós e em especial para os nossos filhos e as suas emocionalidades, nas cidades e nos grandes sistemas sociais, e usar de gradualidade prudente nas mudanças. O problema é escarpamos de sistemas que se torpedeiam a si mesmos – ambicionam muito conhecimento, mas, no processo, podem perturbar-nos na nossa complexa emocionalidade, por via de diversas desordens que revertem para o desconforto central e o seu poderoso medo e violência. O medo é algo que todos conhecemos bem, mas, surpreendentemente, poucos conseguimos de imediato articular intelectualmente. O medo, sendo uma dor que antecipa outra dor, pode ter uma faceta prudente – atravessar uma rua – mas em geral, ele é inutilmente debilitante ou mesmo paralisante, prejudicando seriamente o tal processo de aquisição de conhecimento significativo, como é por muitos largamente reconhecido<sup>2</sup>. Esta é hoje, talvez, uma posição de grande consensualidade, mas que requer cuidadosas explicações junto das famílias.

Precisamos, pois, de algo ainda mais fiável e rigoroso, que defenda a parte mais sensível da amorosidade que em todos nós reside e que gradualmente tranquilize as famílias quanto às suas justas preocupações e aspirações. Todo o processo deve ser construído em ideias fundacionais claras e de largo consenso, que nos deem orientação para os objetivos finais e para uma pedagogia correta de alunos e pais. É para estas que nos voltamos agora.

### **As Bases ou Fundamentos<sup>3</sup>**

Como seriamente desconfiados da tecnologia *per se*, é necessário fundamentar a ação em ideias de base sólidas e esclarecidas que, por serem milenares e recorrentes em vários discursos como o religioso, o filosófico, o teológico, e o artístico, nos podem iluminar em grande confiança para um largo e profundo consenso. Assim, fala-se aqui de ideias fundacionais como o sentido da vida, o bem-estar, a autonomia, o amor, e das instrução e educação nelas centradas. Estamos, talvez, no domínio do sagrado, do eterno e do transcendental.

Por rapidez e clareza, estas ideias fundacionais, que, por o serem, podem implicar circularidades, a este nível inevitáveis, são apresentadas através de uma série de perguntas e respostas:

- Pergunta 1 (P1): Qual é o sentido da vida?
- Resposta 1 (R1): O sentido da vida é ser vivida em Bem-estar.
- P2: O que é o Bem-estar?
- R2: O Bem-estar implica o Bem e é uma tranquilidade reflexiva.
- P3: Onde radica a tranquilidade reflexiva?
- R3: A tranquilidade reflexiva tem raízes na autossuficiência ou verdadeira autonomia.
- P4: O que é a autossuficiência ou verdadeira autonomia?

---

<sup>2</sup> Há aqui uma honrosa tradição das psicologias, passando de alguns como Winnicott e João dos Santos, e que pode continuar a ser lida e testemunhada em, por exemplo, Ana Vasconcelos e Eduardo Sá (cf. IAVE, 2019, 1ª Conferência IAVE Avaliar para aprender: contributos para uma cultura de avaliação, Lisboa, IAVE) que incansavelmente nos alerta para a gravidade de tudo isto.

<sup>3</sup> Cf. Pereira, Rui Penha. 2017. "Os Fundamentos Da Educação E Da Pessoa Educada." Revista Portuguesa de Pedagogia 51(1):83–101.

- R4: A verdadeira autonomia é uma maior capacidade para estar só.
- P5: O que perturba tal capacidade para estar só em autonomia?
- R5: A autonomia é perturbada por algumas formas de desordem, nas quais se destaca a comparação intensa interpessoal e o poderoso medo aí implicado, quando na presença do desconforto central da inferioridade-superioridade absoluta;
- P6: O que apoia a verdadeira autonomia?
- R6: A verdadeira autonomia é apoiada pelo ato amoroso, que nos lança para a vida e é o cerne da natureza humana.
- P7: O que é o amor?
- R7: Às portas do que é apontado como indizível, podemos dizer que o amor é um dar intuitivo ou não volitivo que em desinteresse se dirige para o Bem-estar do outro e que em “pequenas bondades” ou “bondades sem pensamento” se esconde como “uma virtude secreta”;
- P8: Como é que a verdadeira autonomia potencia o ato amoroso?
- R8: A verdadeira autonomia como maior capacidade para estar só é, simultaneamente, a maior capacidade para ajudar o outro;
- P9: O que é a instrução?
- R9: A instrução é a aquisição de conhecimento significativo instrumental, muito necessário nas nossas sociedades, que é facilitada ou dificultada em ambientes mais ou menos amorosos;
- P10: O que é a educação?
- R 10: A educação é o processo muito complexo de aprendizagem do viver em Bem-estar, defendendo o cerne amoroso que humaniza a pessoa e nos torna nos humanos que somos, e na qualidade do qual tem necessariamente lugar a maior ou menor facilitação da instrução.

Chegados aqui, sob a orientação de tais fundamentos, podemos resumir que o projeto CAiEs ambiciona ser um instrumento para gradualmente dar confiança a todos de que paulatinamente podemos mitigar os excessos do desconforto central, resolvendo favoravelmente as tensões da inevitável certificação-avaliação e mobilidade social, em razoável consensualidade, para se alterarem relacionamentos, protegendo a educação para a autonomia e potenciar a instrução na escola, que se quer sob um novo paradigma para o Século XXI.

Obrigado.